

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****1+1+1+1+.....+1=1****39 anos depois dessa Revolução parece novamente chegado um tempo em que sentimos necessidade de voltar a unir-nos em busca de um novo desígnio****António João Maia**

1+1=1 é a fórmula que o então jovem Almada Negreiros propôs há quase um século – em abril de 1919 – em *Histoire du Portugal par Coeur*, publicado em Paris, para, através da certeza própria dos números e das fórmulas aritméticas, expressar a noção de existência de uma unidade coerente e uma que contextualiza, enquadra e dá sentido à diversidade das partes que a compõe – a unidade na diversidade. Através daquela simples fórmula, Almada procura expressar a noção de unidade, de união e de uma certa coerência, que deve pautar a lógica de funcionamento da família, no seio e na base da qual é possível identificar, desde logo como pilares fundamentais, a diversidade própria do género – do homem e da mulher –. No caso da família, Almada traduz essa unidade coerente pela noção de amor.

Porém o autor vai mais longe. No mesmo documento defende, seguindo a mesma lógica, a necessidade de existência de um sentido de unidade do todo nacional, de coesão social, que deve traduzir-se por um desígnio, uma vontade, uma determinação de todo o povo português em torno de um movimento, de um objectivo uno, em que todos de alguma forma se revejam, com o qual se identifiquem e que deve servir de orientação das partes. Almada Negreiros alicerça esta visão dinâmica e coerente da sociedade com o romantismo próprio da época, é certo, porém com fortes traços de apego ao seu Portugal, com um enorme orgulho por ser e por sentir ser português...

**39 anos após a Revolução parece chegado um tempo de nos voltarmos a unir em busca de um novo desígnio**

Em 1974, novamente em abril, a pretexto de libertar o país de um regime político repressivo, a Revolução da Liberdade e dos Cravos – que comemorou há pouco dias mais um aniversário – trouxe o povo português para a rua, curiosamente a reclamar também e uma vez mais a necessidade de união dos portugueses – do povo – em torno de um novo desígnio nacional com que todos se identificassem e que traduzia pelo célebre slogan o povo unido jamais será vencido...

39 anos depois dessa Revolução e porventura mais do que nunca, parece novamente chegado um tempo em que sentimos necessidade de voltar a unir-nos em busca de um novo desígnio, de um projecto, de uma ideia concreta em que acreditemos, na qual nos revejamos e sintamos um sinal de luz, uma esperança, uma porta de saída para esta espécie de túnel escuro em que sentimos estar mergulhados...

Estes apelos cíclicos à unidade evidenciam a consciência de que, como sabiamente diz o povo, só a união faz a força necessária e suficiente para vencermos as adversidades. E os tem-

pos que vivemos são de enorme adversidade...

É imprescindível uma vez mais que, sem utopias nem discursos panfletários de ocasião, sempre causadores de ilusões e de falsas expectativas, sejamos capazes de nos unir todos (todos!) em torno de um projecto coerente e realista acerca do que verdadeiramente queremos e podemos ter para o nosso país, nos planos social, económico, financeiro e até político.

Tal como Almada Negreiros, importa que todos juntos, com o mesmo orgulho em sermos portugueses, sejamos novamente capazes de desenvolver a esperança em melhores dias, de criar expectativas realistas de futuro e sobretudo de sermos capazes de delinear um modelo de sociedade exequível para nós e para deixar de herança às gerações vindouras.

*Escreve à sexta-feira*

**União face à adversidade****VALORES****LUÍS GONÇALVES DA SILVA****O N.º 2**

Todos nós nos recordamos da célebre afirmação de Passos Coelho: “o n.º 2 no Governo é o ministro das finanças, evidentemente; e o terceiro é o ministro de Estados e dos Negócios Estrangeiros”.

Não estando em causa uma análise académica, mas sim uma pergunta política, Passos Coelho quis na altura diminuir a relevância do CDS.

Foi um erro, que se arrisca agora a pagar com juros. Não é preciso explicar o óbvio: a saída do CDS da coligação levaria à queda do Governo; a saída de Gaspar, não só permitiria manter o Governo, como, eventualmente, deixar-nos respirar melhor.

O que Passos Coelho fez a Portas, foi o mesmo que fez ao PS e aos parceiros sociais, ignorando que não é possível Governar, em especial no actual contexto, sem apoio, tácito ou expresso, do maior partido da oposição, das confederações sindicais e de empregadores e, sobretudo, sem um executivo coeso, o que significa, desde logo, não lermos diariamente na imprensa os relatos dos conselhos de ministros. E, por isso, quando tomou e comunicou medidas ao país (por exemplo, a TSU ou o aumento do tempo de trabalho), desprezando o PS ou os parceiros sociais, Passos Coelho escolheu um caminho de isolamento; caminho esse que agora quer alterar, lançando constantes apelos ao diálogo, à concertação e, acima de tudo, à coesão do governo.

Infelizmente a história não volta para trás. Passos terá agora percebido quem é verdadeiramente o n.º 2 do governo, e qual a importância do PS e da concertação social.

Veremos, agora, se os erros cometidos são susceptíveis de ser corrigidos para bem de Portugal e dos portugueses.

*Escreve à sexta-feira*